



VOLVER A CASA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O RETORNO (E O NÃO-RETORNO) DOS IMIGRANTES ESPANHÓIS NO BRASIL

Esther Gambi Giménez¹

O retorno sempre esteve presente no processo migratório e, assim, uma simples olhada nos saldos demonstra-nos que as perdas de população nunca foram definitivas. Às vezes o regresso fazia parte dos planos do imigrante, inclusive antes de sair, sobretudo no caso do êxodo europeu, onde a proximidade geográfica e a facilidade para poupar algum dinheiro faziam mais factível o retorno. A maior distância do continente americano, a escassez de recursos e a fácil adaptação ao meio fizeram com que o retorno dos imigrantes transoceânicos fosse menos frequente e que alguns partissem com a ideia de não volver. Isto não significa que o destino de todos os que cruzaram o Atlântico fosse permanecer indefinidamente nos seus países de acolhimento. De fato, durante a etapa da emigração em massa (1880-1930), os índices de retorno alcançaram 44,5%, quer dizer, quase a metade dos que foram embora acabaram regressando (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2003, p. 114). Na segunda grande emigração (1946-1962), o número de retornados foi menor, provavelmente porque ao se exigir aos imigrantes um maior nível de preparação, as possibilidades de fracassar eram menores. Ainda assim, a proporção de retornados não foi desdenhável, rondando 38% para o conjunto da América Latina, com Venezuela, Argentina e Brasil à cabeça.

¹ Doutora em História pela *Universidad de Salamanca*. Membro do *Centro de Estudios Brasileños da Universidad de Salamanca*. E-mail: <egambi@usal.es>.



As causas que determinam o retorno são mais difíceis de estabelecer que as da própria emigração, já que o regresso depende, em boa medida, dos desejos do imigrante e não tanto das circunstâncias externas. Segundo Soldevilla Oria (1996, p. 237), no retorno influem fatores de atração e de expulsão similares aos presentes no início do processo. As crises econômicas e políticas sofridas pelo país receptor, ou o estabelecimento de leis visando proteger o trabalhador nacional, atuam como fatores de expulsão que, às vezes, provocam retornos massivos, como aconteceu em Cuba (NARANJO OROVIO, 1987). Perante a ausência deste tipo de acontecimentos de caráter radical, o imigrante toma sua decisão baseando-se, sobretudo, em fatores de atração, como a família, as possibilidades de emprego na terra de origem ou a simples nostalgia do lugar de nascimento.

Uma das razões mais importantes para regressar a casa costuma ser a permanência na Península Ibérica de parte do grupo familiar, o que incrementa o sentimento de perda do imigrante, privado durante muito tempo do contato com seus seres queridos. Os retornados que sucumbem à saudade são, habitualmente, indivíduos que viajaram sozinhos e que, ainda que tenham conseguido uma posição econômica estável, não conseguem superar os momentos mais duros do período de adaptação e renunciam à aventura americana em pouco tempo (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, *ibidem*, p. 127). A melhora da economia espanhola e as possibilidades de encontrar trabalho nas zonas urbanas também são um fato a levar em consideração nestes casos:

Comecei a perceber que, na América do Sul, iniciava-se o declínio da prosperidade, e que a Europa se estava recuperando economicamente e, como tinha minha família na Espanha, decidi voltar; se tivesse estado sozinho, sem família na Espanha, teria pulado à Argentina, país aonde eu desejei ir no início, ou à

Venezuela, que nos oferecia, então, uma economia esplêndida. Também decidi regressar à Espanha porque este país começava a se recuperar².

Outro motivo para regressar a casa era que o retorno estivesse previsto de antemão. Neste caso, a emigração é concebida como um meio para conseguir um objetivo concreto – reunir o capital necessário para comprar uma casa, montar um negocio ou saldar uma dívida – e, uma vez alcançado, empreende-se o caminho de volta. Todavia, embora essa atitude apareça vinculada com mais frequência à emigração europeia, houve casos de espanhóis que partiram para o outro lado do Atlântico com idêntica finalidade, ainda que depois as coisas no se concretizassem:

Meus pais tinham toda a intenção de voltar: (...) eu fui estudar na Espanha porque íamos regressar em seguida, só juntar um pouco mais de dinheiro e tal. [Meu pai] tentou (...) fazer algo na Espanha, pelo menos duas vezes. Uma vez foi sozinho, e outra vez com meu tio Celso (...) estudando que negócio eles podiam pôr e tentando a mudança de todos definitivamente para a Espanha... E antes o tinha tentado outra vez, e outra vez... juntando dinheiro, tanto que eu lembro que até uma determinada época minha mães não comprou nada no Brasil. A casa era alugada, não tínhamos grandes coisas, um carro sim... mas não comprava nada³.

Por último, não podemos descartar motivos estritamente pessoais que se apresentam como a causa principal do retorno em um número reduzido de imigrantes e que resultam tão válidos como todos os demais. A chegada da aposentadoria ou a morte de um familiar na Espanha são alguns exemplos, ainda que os há muito mais pitorescos:

– ¿E por que regressou?

– Para me casar, somente. Eu tinha residência no Brasil. Minha sogra vivia aqui (...) e tinha duas filhas. (...) Nesse tempo, um que estava casado com minha cunhada, com a irmã de minha mulher, decidiu ir à Alemanha. Então, a mãe, que era já muito idosa, ficava sozinha: Uma ia à Alemanha, a outra ia ao Brasil, e a velha ficou na casa. Meteu-se na cama e falou que morria (...). E então meu sogro me falou: “A ver que fazemos com esta mulher, esta morre. Esperai a ver se morre, após isso, já podem ir se quiserem”. E então, pois, a gente ficou (...)⁴.

2 Depoimento de um imigrante andaluz chegado a São Paulo em 1950 e retornado em 1953, recebido por PÉREZ MURILLO, María Dolores (coord.) (2000, p. 127).

3 Entrevista a MLG concedida à autora em São Paulo, em 25.08.2004.

4 Entrevista a JASM concedida à autora em El Barraco (Ávila), em 21.01.2006.

Mas o regresso a casa não sempre resulta singelo. Para quem vai embora, seu lar fica parado em um ponto do passado, idealizado e perfeito, e é assim como se conserva na sua mente apesar do tempo transcorrido. Ao regressar, ainda sabendo que não é possível, o emigrante espera encontrar tudo do que tem sentido saudades (pessoas, paisagens, objetos) no mesmo estado em que o deixou e, ao descobrir as mudanças inevitáveis, se sente um estranho. As ruas, os edifícios, os hábitos, as modas e até a linguagem já não são os mesmos, os amigos e parentes que conheceu e amou também não, e isso o desconcerta de uma forma similar a como o fez, na sua chegada, ao país de emigração (GRINBERG, 1984, p. 222):

(...) na Espanha eu me sinto estrangeiro, eu não me sinto espanhol. Agora quase toda a minha família está em Madrid, alguns estão em Marbelha, outros em Valência, alguns na França, mas principalmente em Madrid estão todos. A Miranda não regressei porque os amigos de antes têm desaparecido (...); chego ali e não encontro ninguém, estou eu só, somente com a família. E não há incentivos. Saio à rua e nunca me dizem se sou espanhol. Sempre me perguntam se sou mexicano ou algo. Então, na Espanha, com as mudanças que houve no idioma e nos costumes, na Espanha eu sou totalmente estrangeiro⁵.

Ainda que esta não pretenda ser uma tipologia exaustiva, há um fio comum a todos os casos mencionados e ele é que o emigrante retorna por sua própria vontade: pelo desejo de ver seus seres queridos, pela melhora econômica de seu país de origem, porque chega a hora da aposentadoria etc. Trata-se sempre de um regresso anelado, que se ajusta ao final de um ciclo econômico ou vital e que, embora possa resultar duro e, inclusive, fracassar, não supõe nenhum demérito para o emigrante, que o enxerga como o final mais apetecível da aventura migratória⁶.

5 Entrevista a LSG concedida à autora em São Paulo, em 27.08.2004.

6 Às vezes o retorno pode não ser voluntário e inclusive tratar-se de um retorno forçado, como nos casos de repatriados, clandestinos, tripulantes desertores de buques espanhóis e prófugos do serviço militar. Aqui se encontrariam também aqueles espanhóis expulsados do Brasil por cometerem um delito castigado com essa pena.



Os que não regressam: o triunfo da integração

São muito poucos os emigrantes que não sonham em algum momento com a volta ao lar. Alguns já partem com a ideia na cabeça, planejando a melhor forma de realizá-la no menor tempo possível, ainda que seja sacrificando sua comodidade durante unos anos. Contudo, há uma porcentagem importante que nunca alcança o sucesso, que não só não consegue essas poupanças que busca, senão que jamais se consegue emancipar economicamente. Estes emigrantes não podem voltar porque carecem de meios para fazê-lo, ou porque se envergonham de sua situação e pensam que serão uma carga para suas famílias, ou porque acreditam que a sociedade os verá como pedintes que só querem beneficiar-se das ajudas do Estado. Para essas pessoas o retorno fica descartado por muito difícil que seja a situação delas:

Nos subúrbios tenho conhecido espanhóis muito pobres, mas que não podem voltar porque não têm como o fazer. Outros, sobretudo os galegos, têm vergonha de volver. Vieram com a ideia de voltar ricos e regressar pobres à terrinha é muito humilhante para eles⁷.

Contudo, inclusive quando a sorte sorri, quando têm conseguido prosperar, não todos os imigrantes regressam. Então, que os retém? Por que não regressam a casa? Alguns apontam fatores econômicos como os principais responsáveis do não retorno. Uma boa razão é terem realizado toda a sua vida profissional em Brasil e carecerem de negócios que estimulem o seu regresso a Espanha, sobretudo quando se trata de retornar ao campo depois da experiência urbana:

Aí, nós pensamos: toda a vida nossa era aqui, vivíamos bem e lá (...) não tínhamos nada. Porque, que tínhamos? Quatro terras de meu pai e outras quatro do dele? Aquilo não dava para viver, para nós irmos trabalhar no campo? Não era, porque para isso já não teríamos vindo. Para vender as coisas aqui e comprar lá, você já está situado em seu lugar, onde você está.⁸

Com outros, o que os freia é a ideia de terem que começar de zero, tanto a nível pessoal como profissional, por um lado; porque isso faz com que eles se aferrem com mais força a seus amigos e conhecidos. E, por outro lado, porque a maior parte sofreu muito para levar adiante seus negócios no Brasil e seria para eles muito duro terem que se desfazer desses negócios:

7 Entrevista a EGG concedida à autora em Palência, em 21.10.2005.

8 Entrevista a AVR concedida à autora em São Paulo, em 01.09.2004.

- Não tem pensado regressar para morar na Espanha?
- Não, a morar na Espanha, nunca mais pensei em regressar lá. Sim, fui muitas, muitas vezes de viagem, a visitar, mas para ficar por lá nunca pensei nisso. Não.
- Por causa de sua família?
- Não, não. Porque aqui me estabeleci, foi-me bem. Não tinha necessidade de ir começar lá de novo. Para que? Já tinha começado aqui (...). Para que começar outra vez de novo?⁹

Outra razão econômica de peso, assinalada por quase todos os que têm alcançado a aposentadoria, é que lhes resulta mais fácil viver com suas pensões no Brasil que na Espanha, onde o custo do nível de vida é mais alto. Há os que tentaram conseguir que o Governo espanhol lhes reconhecesse os anos trabalhados na Península Ibérica e que lhes proporcionasse um meio de subsistência, mas, ao não o conseguir, decidiram ficar para poder tirar todo o proveito a suas poupanças. Além do puramente econômico, muitos imigrantes destacam a sua perfeita adaptação às terras brasileiras como a principal razão para ficarem. Expressões do tipo “Eu me integrei tão bem que nunca tive vontade de regressar definitivamente”, ou “o Brasil nos recebeu a todos, a todos. Podemos trabalhar, temos filhos, (...) queremos este país”, recolhidas por Elda González (*ibidem*, p. 130-31), repetem-se com frequência e permitem-nos apreciar o facilmente que os espanhóis encaixaram na sua sociedade de acolhimento.

Porém, o motivo mais mencionado para explicar (e até justificar) o não ter regressado à pátria é a existência de uma família no Brasil. Se os filhos se fizeram adultos e casaram lá, o imigrante descobre-se rodeado de netos, noras e genros que o amarram ao seu novo lar, onde, além do mais, com certa frequência, enterrou seu cônjuge. Esta grade emocional é tão forte que o obriga a renunciar ao sonho do retorno:

(...) tenho meus filhos e os netos aqui (...). Se não tivesse filhos nem netos, sim. Morrer aqui, morrer lá, prefiro lá, não? Mas, tendo meus netos...¹⁰.

(...) eu até hoje tenho **saudades** da Espanha, como dizem aqui. Mas já tenho minhas filhas casadas, meus netos são brasileiros... Então, a que vou à Espanha eu? (...) Aqui enterrei meu marido e eu já quero me enterrar aqui!¹¹.

9 Entrevista a BMG concedida à autora em São Paulo, em 27.04.2006.

10 Entrevista a IM concedida à autora em São Paulo, em 10.09.2004.

11 Entrevista a DG concedida à autora em São Paulo, em 10.08.2004.



Evidentemente quase nunca se oferece uma razão isolada, senão que se mencionam várias à vez e até se acrescentam outras de menos peso, mas que o imigrante considera importantes, como a preferência pelo clima cálido do Brasil. Todos seguem sentindo falta da sua aldeia, o cheiro da cozinha da avó, as festas patronais, mas, uma vez que eles têm reconstruído seus afetos no Brasil, que já não têm as raízes ao ar, a ideia do retorno vai-se diluindo pouco a pouco, até desaparecer. Os que podem (e querem) viajam a Espanha a cada pouco tempo, para curar a saudade e visitar os familiares que ainda restam, mas a sua vida e seu futuro já estão definitivamente no Brasil.

Referências

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda. El mito del retorno: cuestiones que se plantean los inmigrantes españoles en Brasil al emprender el regreso. In: MARTÍN SÁNCHEZ, Juan (Coord.). *Con la frontera auestas. Cuatro miradas sobre las migraciones internacionales*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos-CSIC, 2003.

GRINBERG, León y Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

NARANJO OROVIO, Consuelo. Cuba vista por el emigrante español, 1900-1959. Un ensayo de historia oral, *Revista de Indias* (Anexo), n. 3, 1987.

PÉREZ MURILLO, María Dolores (coord.). *Oralidad e historias de vida de la emigración andaluza a América Latina (Brasil y Argentina) en el siglo XX*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2000.

SOLDEVILLA ORIA, Consuelo. *La emigración de Cantabria a América*. Santander: Ed. Librería Estudio, 1996.